

fecundação), havendo a geração de uma criança. Algumas vezes o assunto vai um pouco além e o desenvolvimento do feto também é abordado, a gestação sempre é a termo (ou seja, a gestação sempre vai até o fim e dura 9 meses) e num ato semelhante ao anterior o bebê sai do corpo da mãe, facilmente.

Como pensar, então, a educação sexual num ensino escolar curricular em que haja planejamento, implementação e avaliação de conteúdos curriculares voltados à educação sexual, aos direitos sexuais e reprodutivos, aos direitos e valores humanos e em que possamos também contribuir para a formação de pessoas solidárias, amigas, responsáveis, enfim, de uma sociedade mais justa, igualitária e humana? Não faremos uma explanação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois acreditamos que os professores já os conheçam, podendo lançar mão dele para essa educação sexual curricular. Os PCNs podem e devem ser vistos como uma importante contribuição para a educação sexual curricular (Auad, 1999).

A educação sexual oferece às crianças e adolescentes a possibilidade de compreenderem as dimensões e a significação da sexualidade, contribuindo para que possam realizar projetos de vida pessoal e social. Nesse sentido, o educando deve ser o próprio sujeito da educação a fim de que possa adotar suas próprias decisões em relação a sua vida afetiva e sexual.

Educação sexual escolar pode contribuir para:

- desenvolver nas(os) adolescentes uma postura de valorização própria e coletiva;
- auxiliar as(os) adolescentes na promoção da sua saúde sexual e reprodutiva por meio de informações específicas;
- fortalecer a auto-estima, autodeterminação e autocuidado das(os) adolescentes.

Essa contribuição se dará à medida que a educação sexual permitir:

- a discussão com as(os) adolescentes acerca de suas dúvidas, preocupações e receios quanto a sua saúde sexual e reprodutiva, seu corpo, sua sexualidade;
- a discussão de suas dúvidas, preocupações e receios quanto ao planejamento familiar, sua saúde, seu corpo, sua sexualidade;
- estímulo à reflexão a partir de diferentes pontos de vista;
- respeito e valorização das diferenças individuais e sociais;
- debate da realidade sociocultural em que a sexualidade está inserida.

Uma primeira pergunta que pode surgir ao pensar a educação sexual curricular é: “o que abordar”. Outra pode ser “quem orienta”? Responderemos às duas juntas. Quem orienta: não exclusivamente o professor de ciências.

Cada professor e todos conjuntamente podem planejar suas matérias de modo a incluir os temas da educação sexual. O professor de história pode abordar a sexualidade na história. O professor de artes pode trabalhar a expressão corporal e mesmo o corpo nas artes e na história das artes. O professor de educação física também, na temática da corporiedade (enquanto apreensão social e cultural do corpo). Os professores podem trabalhar sexualidade nas diferentes culturas e etnias.²

Deve-se abrir o debate para os pais, a fim de ouvir cuidadosamente seus receios e opiniões, mostrar a importância de sua participação nessas atividades e oferecer informações e conhecimentos que eles desejem em relação à sexualidade. Favorecer a discussão de forma a expressar opiniões, dificuldades e problemas geralmente comuns a todos os pais. Devemos ressaltar que o apoio da direção da escola é fundamental. Todos – professores e direção – podem refletir sobre a educação sexual nos espaços não-curriculares da escola, aqui já citados. Por exemplo, que normas podemos pensar na direção de uma educação não sexista e discriminatória?

Uma educação sexual que se propõe a contribuir para uma sociedade mais igualitária e justa não pode prescindir de dois elementos em seu planejamento, implementação e avaliação: a perspectiva de gênero e a perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos. Gênero refere-se às construções sociais com base nas diferenças sexuais que determinam o papel que se atribui a mulheres e homens numa cultura específica. Adotar uma perspectiva de gênero na Educação Sexual significa:

- entender que há relações desiguais entre homens e mulheres;
- possibilitar a reflexão das conseqüências dessa desigualdade;
- visualizar a possibilidade de construção de novas relações;
 - ✓ trabalhar mitos e preconceitos como:
 - ✓ mulher é frágil;
 - ✓ homem é forte;
- homem não chora;
- facilitar a desconstrução e reconstrução dos papéis de gênero;
- facilitar o empoderamento da mulher.

Entender que os papéis de gênero não são imutáveis permite discutir o fato de que eles podem mudar e ser mais equitativos.

2. Para outras sugestões de temas nas diferentes áreas, recomendamos a leitura do livro *Nunca é tarde, nunca é demais: orientação sexual na Educação* (REDEH, MEC, s/d). Além da explanação de cada tema, há sugestões de atividade para o seu desenvolvimento.